



PREFEITURA DE
CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 Mais
Ciência

A HISTÓRIA DOS TRABALHADORES RURAIS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES (1902-1978)

Orientador: Leonardo Soares dos Santos

Bolsista: Fernanda Azeredo Peixoto

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

2022/2023



SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	4
REVISÃO DA LITERATURA.....	5
O Usineiro e sua influência.....	5
MATERIAIS E MÉTODOS	7
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	9
Questões ambientais em pauta	10
Os trabalhadores rurais e os múltiplos problemas	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
REFERÊNCIAS	16

RESUMO

A pesquisa buscou demonstrar através da análise de artigos e notícias de jornais como eram vistas as usinas campistas nas décadas de 1930 à 1969 e assim acompanhar desde seu crescimento e recebimento de investimentos até o princípio de sua falência e como isso se deu através do aumento de queixas trabalhistas e falta de recursos por parte das usinas. Através destes resultados, sendo pesquisados e lidos mais de 500 notícias acerca das usinas, verificou-se como as usinas eram peças chave na economia campista, além de fortes influências na produção de açúcar para o país e suas dificuldades ao passar das décadas em manter os padrões de produção, mesmo quantitativo, em meio as crises econômicas e guerras que atingiam o exterior. A pesquisa foi realizada no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, tendo por filtro o nome de cada usina. Ao total foram pesquisadas 14 usinas: Cambaíba, Cupim, Mineiros, Novo Horizonte, Outeiro, Paraíso, Poço Gordo, Pureza, Queimado, Santa Cruz, Santo Antônio, São João, São José e Sapucaia a fim de corroborar com as hipóteses de que os trabalhadores rurais foram peças-chave para as mudanças que ocorreram nesse período nas usinas campistas.

PALAVRAS-CHAVE: Campos dos Goytacazes, influência, trabalhadores rurais, usinas.

INTRODUÇÃO

A história do açúcar em Campos é antiga. Segundo comenta Paranhos(2000), primeira usina do Brasil nasce em Campos dos Goytacazes em 1879, a Usina do Limão.¹ Ao traçar uma trajetória cronológica conseguimos acompanhar desde a ascensão e início de crises em algumas usinas até o final da década de 1960 onde o cenário muda completamente e a força usineira campista deixa de exercer forte influência sobre o setor açucareiro nacional e internacional. A cidade de Campos dos Goytacazes ao longo do século XX foi marcada pela economia açucareira que era presente em grande parte do território campista. Elas representavam não só a base econômica vigente, mas um sistema que ia além das relações de trabalho e abrangia as relações sociais e influenciaram a infraestrutura da cidade.

As usinas não consistiam apenas em locais de trabalho com maquinários, mas naquele complexo usineiro se encontravam as moradias dos trabalhadores e tudo quanto era necessário para sua subsistência. “Cada usina era uma ilha de vida dentro do município. Tinha suas regras, seus domínios, seus festejos do padroeiro e por conseqüência adquirira hábito e tradições próprias. A usina era o centro em torno do qual giram o trabalho, a família, o progresso, o futuro. (PINTO, 1995, p. 203).”

Esses complexos usineiros eram fortalecidos e mantidos pela figura do usineiro que se mostrava a autoridade presente daquele local e que fazia com que tudo funcionasse dentro do planejado. Ele era o proprietário da usina e exercia influência também fora dela, afinal a indústria açucareira era uma grande potência nacional. Esse homem muitas vezes possuía contatos políticos importantes que garantiam seu abastecimento de recursos, grande poder de mobilização caso fosse necessário e recursos para sempre que preciso incorporar novos maquinários ou até mesmo a anexação de outras usinas ao seu complexo.

¹ O texto pode ser encontrado em

<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao08/materia02/texto02.pdf>

Entretanto, mesmo com tamanha influência e poder, ao decorrer das décadas, a pesquisa demonstra através das manchetes de jornais que os sindicatos e trabalhadores quando mobilizados também possuem força e influência. Essa atuação por parte dos trabalhadores se mostrou como sendo resultado de anos de negligências e descasos por parte das usinas em relação a saúde, educação, lazer, alimentação e condições adequadas de trabalho.

O levantamento dos dados serviu para coletar essas informações e montar cronologicamente uma linha do tempo em que se conste o início do funcionamento das usinas na década de 1930, o estabelecimento da nova elite que influenciava fortemente a economia e a política campista e os motivos que levaram ao seu enfraquecimento e as múltiplas falências até a década de 1960. A questão que nos norteia será os caminhos percorridos por essas usinas até 1969 e como o trabalhador foi uma representação desses acontecimentos.

REVISÃO DA LITERATURA

O Usineiro e sua influência

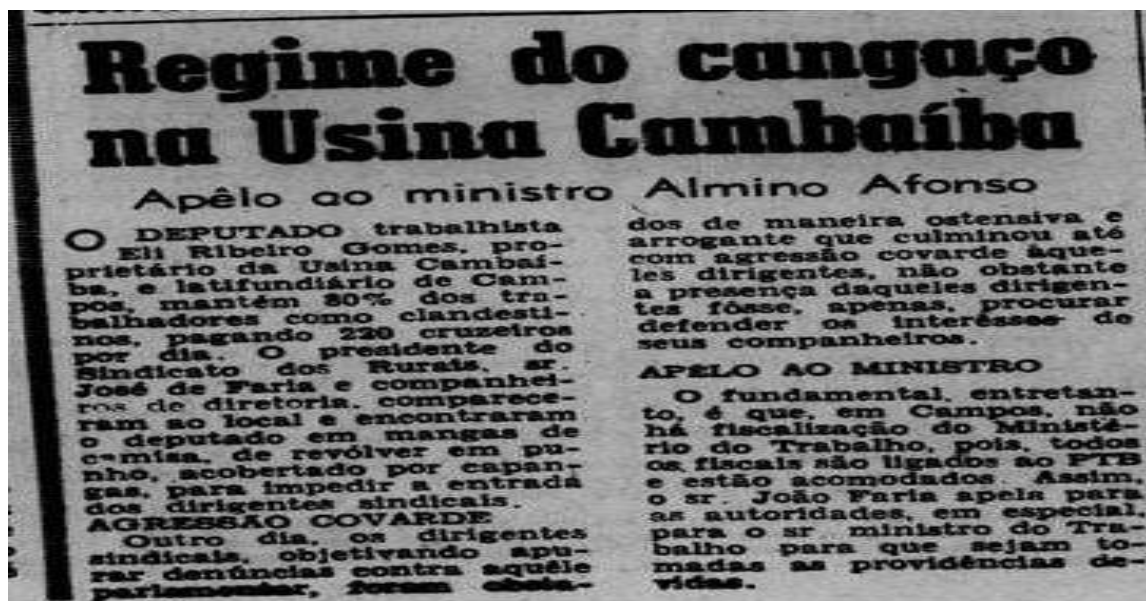
Em 1929 houve a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque que gerou uma crise financeira global. No Brasil essa crise afetou o setor cafeeiro e outros industriários, incluindo a açucareira. Campos possuía cerca de 21 usinas e começou a ter as primeiras falências e fusões para tentar se reerguer após a crise. Diversos planos são criados pelo governo federal na tentativa de contornar essa situação, incluindo o I.A.A.(Instituto do Álcool e Açúcar) que teve grande e importante atuação na regulamentação das políticas do açúcar. O então presidente Getúlio Vargas inicia um extenso plano de recuperação financeira e as indústrias começam a receber notificações de cortes nas compras de açúcar e os produtos foram desvalorizados. No jornal “A Esquerda” comentando sobre a crise diz que uma das causas seriam “a falta do crédito agrícola, com taxas modicas e prazos longos.”

Entra em cena a influência do usineiro que como comenta Dias(2016), era uma figura que foi ascendendo em influencia e notoriedade tanto para a comunidade dos

trabalhadores, pois era visto como pessoa importante e respeitado por todos, como pela sociedade e comércio já que com sua influência econômica começa a financiar e implementar mudanças na infraestrutura da cidade. Com os preços do açúcar desfavorecendo os produtores, esses homens iniciam utilizando de sua defluência entram em contato com o governo federal para tentar reaver as medidas impostas.

Um dos nomes mais frequentes nas manchetes e de grande influência foi o usineiro Luiz Guaraná proprietário da Usina Cambaíba que juntamente ao governador Amaral Peixoto estavam em constante reivindicação para a diminuição dos preços do açúcar e valorização do setor junto a Getúlio Vargas. Ele é um bom exemplo de como a figura do usineiro em Campos emanava autoridade. No jornal Diário Carioca, em 1951, pleno período eleitoral o jornal buscava a opinião de “um dos mais prestigiosos políticos da nossa gloriosa planície” e a pessoa escolhida foi o dr. Luiz Guaraná que foi descrito como “homem de letras, ex-deputado, temperamento heróico e, atualmente dedicado à indústria açucareira, proprietário que é uma das maiores usinas de Campos, a de Cambaíba.” (DIÁRIO CARIOCA, 1951, p.3)

Marcelo Carlos Gantos e Quésia Francisco Souza(2006) comentam que a figura do usineiro, desde aquele que fundava engenhos de açúcar nos séculos XVIII e XIX até o usineiro moderno do século XX são imagens de ideais a serem alcançados pois eles eram ligados a figuras de autoridade, riquezas e poder. Afinal, dele dependiam todo um sistema. A usina se encontrava no meio da localidade onde se instalava, ela dava vida ao lugar, a partir de sua instalação tudo ao redor começava a existir para que ela funcionasse também, comenta Dias(2016). Na imagem a seguir temos um relato interessante do jornal A Luta Democrática de 1963. Nessa época a Usina Cambaíba havia sido vendida ao Deputado trabalhista Eli Ribeiro Gomes que, em meio as crises do setor açucareiro e as constantes reclamações e greves por parte dos trabalhadores, ao receber a visita do presidente do Sindicato dos Rurais e companheiros age de forma autoritária e até mesmo, como diz a própria manchete, covardemente.



Esse é um exemplo claro de como o usineiro era uma figura que emanava respeito e autoridade. Ele detinha o poder de controlar o ir e vir dentro da usina e impunha medo e respeito aos trabalhadores. Delma Pessanha Neves no livro *Os Fornecedores de cana e o Estado Intervencionista* (1996) comenta no capítulo 2 como o estado deveria mediar as relações entre produtores e proprietários de usina pois esses “suspendiam ou atrasavam o pagamento das canas diante de qualquer limitação de capital de giro ou de realização da mercadoria.” (p.76) O texto ainda complementa dizendo que os produtores aprendiam a trabalhar com as incertezas e mudanças que os usineiros impunham em suas relações comerciais ou então eles eram “marginalizados ou eliminados da produção de cana.” (NEVES, 1996, p.76)

MATERIAIS E MÉTODOS

Através de extensa pesquisa no site da biblioteca nacional, foi filtrado por décadas cada uma das 14 usinas propostas inicialmente e organizadas por pastas, cada ano de 1930 a 1969. Foram baixados recortes de jornais contendo notícias e informações sobre as usinas, desde relatos de acidentes de trabalho, investimentos econômicos à registros

de greves sindicais e trabalhistas. O trabalho consistiu em alimentar um acervo² contendo cada usina disposto em pastas e em cada uma delas os anos e dentro as respectivas notícias.

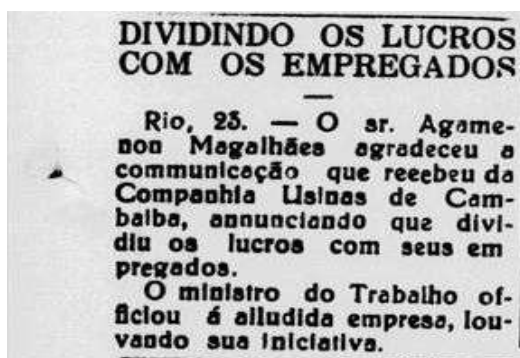
Foi apresentado no XV CONFLICT/VIII CONPG parte dos resultados através de um banner contendo informações organizadas de forma cronológica onde foi possível visualizar um pouco dos resultados da pesquisa. Ali foi disposto imagens das usinas São João e Cambaíba, do canavial da usina São José e manchetes que ao longo dos décadas anunciavam desde os investimentos feitos na década de 1930 pelo governo federal, o crescimento do setor na década de 1940 às reivindicações dos trabalhadores nas décadas de 1950 e 1960.

O foco do recolhimento dos dados é analisar as condições dos trabalhadores nas usinas e a situação em que se encontravam ao longo dos anos para então analisar como a questão trabalhista influenciou as crises no setor açucareiro. Para isso cada matéria de jornal era lida e salva com o nome do jornal em questão, o estado em que este foi publicado pois em alguns casos os jornais eram de estados como São Paulo, Paraná, etc; demonstrando a importância da cidade de Campos no século XX e como sua influência se estendia para além das fronteiras municipais e estaduais, após o estado de publicação foram incluídas as datas de publicação do jornal onde alguns apresentavam só o mês ou só o ano de publicação (casos mais frequentes no periódico Brasil Açucareiro), e então a página da notícia.

Para facilitar ainda mais o acesso, a segunda etapa de levantamento desse banco de dados consistiu também em recortar cada notícia de jornal para que a notícia seja encontrada mais facilmente, por exemplo, o jornal O Estado, de Santa Catarina, publicou em 1936 uma notícia sobre a Usina Cambaíba, porém a matéria consistia em um pequeno quadrado de uma página de jornal cheia de outras notícias. Abaixo temos um exemplo de uma imagem que já foi “recortada” e está apenas com a notícia relevante para a pesquisa e a imagem ao lado que ainda não foi “recortada”.

² O banco de dados pode ser acessado através do link:

<https://drive.google.com/drive/folders/1VxBdtNt3EkhGLd7e6VqRif-YXSiPWYFk>



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo desses 12 meses constatou-se através das notícias como a partir de 1940 grande parte das notícias envolvendo as usinas abrange as lutas e desafios dos trabalhadores rurais e como eles se mobilizaram para lutar pelos direitos. É notável nos jornais a presença de notícias que contemplam a cidade de Campos e a indústria açucareira demonstrando mais uma vez a força do setor na economia brasileira. Muitas edições dedicam meia página ou algum espaço de tamanho generoso para as notícias sobre a indústria açucareira. Um dos jornais com mais resultados foi a Revista Quinzenal Brasil açucareiro dirigida pela Comissão de Defesa da Produção do Assucar do Rio de Janeiro que de 1932 a 1979 se dedicou a publicar as transações econômicas das usinas, acordos, lançamento de cotas de produção, dados de exportações e outras informações técnicas.

A partir de 1940 as crises se tornam algo corriqueiro no dia a dia das usinas campistas e de todo país. A crise de 1929 agravou a situação de muitas usinas de Campos e algumas, na tentativa de se reestabeleceram começam a se fundir e outras deixam de

existir como a Usina do Limão, primeira usina do Brasil que juntamente com a Usina de Poço Gordo se fundem a Usina São José. A chegada de investidores de outros países e a compra das usinas por ingleses, franceses e americanos levanta a economia sucroalcolera da cidade que estava sofrendo a forte competição das usinas nordestinas e paulistas.

Contudo, mesmo com as tentativas de recuperação econômica e as melhorias na produção de álcool e açúcar, dentre outros produtos, as greves tomam conta de diversas usinas. Várias usinas enfrentam problemas para manter suas unidades em funcionamento e com a forte competição das usinas nordestinas as usinas campistas começam a perder espaço. Junto a esses fatores temos alguns outros que influenciaram o enfraquecimento da economia açucareira campista.

Questões ambientais em pauta

Ao observar as notícias, chama a atenção as poucas mas presentes menções aos problemas ambientais causados pelo derramamento do vinhoto. As usinas produzem o vinhoto nas destilarias e no século XX era muito comum o despejo deste nas chamadas valetas, valas próximas as usinas separadas para receber esse líquido, quente e mau cheiroso que é altamente nocivo para as correntes de água. Entretanto, Campos é conhecida por ser uma planície alagável e no período de chuvas esse vinhoto escorria para lagoas e rios da região e poluía os mesmos. Matheus Monteiro(2009), em sua tese sobre o uso sustentável do vinhoto comenta que “O vinhoto(também conhecido por vinhaça, restilo, calda ou garapão), é um subproduto da fabricação do álcool, gerado após a fermentação do mosto e destilação do vinho. É um líquido de cor marrom e apresenta um forte odor.”(MONTEIRO, 2009, p.13) O autor ainda comenta que “o volume deste resíduo é função do teor alcoólico obtido na fermentação, portanto, depende muito do processo de cada usina.”(MONTEIRO, 2009, p.13)

II — Necessidade do vinhoto sobre os peixes

Na sua exposição o Director da Usina Cupim asseverou:

“As fermentações que produzem ácido carbonico que mata os peixes, são, entretanto, completamente impossiveis si o vinhoto está diluido de 40 % d’agua”.

Imaginando que o Director da Usina quizesse affirmar que só as soluções com 40 % de concentração sejam offensivas, resolvemos realizar, em nosso laboratorio algumas experiencias tendentes a comprovar tal asserção.

Buscámos, na medida do possivel, criar, no laboratorio, meios approxinados do habitat natural dos peixes para, com resultados mais positivos, desenvolvermos o programma de trabalho idealizado.

Preparamos, para tal, diversos aquarios, com fundo arenoso, e providos de plantas aquaticas.

Num delles foram collocados alguns exemplares de Cascudos (*Plecostomus Punctatus*), Acará (*Geophagus Brasiliensis*) e Barrigudinhos (*Phalloptychus Januarius Jansel*) para servirem de testemunhas ás nossas experiencias.

Os demais aquarios, numerados, em série, destinaram-se a receber, opportunamente, as soluções de vinhoto a 40 %, 15 %, 12,5 %, 10 % e 5 %, respectivamente.

No dia 10 de Outubro de 1933, ás 13 horas e 35 minutos, do aquario geral da Secção de Criação, passámos para o aquario n. 1, contendo solução a 40 %, dois Acará, tres Guará-Guarús e um Cascudo.

A’s 14 horas e 10 minutos observámos que os peixes alli collocados, apresentavam-se agitados, com movimentos rapidos, nadando anormalmente, em subidas e descidas em espiral, realizando “loopings” aquaticos. Esses symptomas de alteraçao physiologica accentuaram-se gradativamente, até a aconia. A’s 14 horas e 20 minutos, afim de precisar si era ou não irremediavel o mal causado, colloámos em agua fresca os exemplares mais profundamente agitados.

A’s 14 horas e 45 minutos tinham elles chegado quasi a refazer-se, apresentando, entre-

A utilização do vinhoto para a adubação de plantações já estava sendo estudada na década de 1950 e muitas usinas já tinham essa prática, contudo, a Usina Cupim em especial continuava a derramar seu vinhoto no Rio Ururaí que ficava cada vez mais debilitado com o recebimento desse líquido. Em 1934, o jornal a Voz do Mar fez uma matéria sobre o despejo do vinhoto e constatou que a usina lançava diariamente cerca de 10.000 a 11.000 litros de vinhoto no rio. Os químicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro na época realizaram um estudo e o resultado foi publicado no mesmo jornal:

Em 1959 a situação se repete. Dessa vez o jornal Última Hora publica uma matéria sobre o despejo nas águas da cidade e como isso estava inviabilizando não só a pesca na região, o que prejudica todo um setor que era um dos reclamantes na época, como também o comércio estava preocupado e o setor de meio ambiente. As usinas agora acusadas dessa prática são as usinas São José, Cambaíba e Baixa Grande.



Os trabalhadores rurais e os múltiplos problemas

Mesmo diante de crises, problemas ambientais e econômicos, os problemas mais aparentes nos jornais são em relação a vida do trabalhador. Em 1950 vemos uma crescente mobilização dos trabalhadores por melhores condições de trabalho, moradia e vida em geral, as paralisações vão se tornando cada vez mais comuns no cotidiano das usinas e as manchetes dos jornais notificam problemas que não são novos e que fazem parte desde o início da mobilização açucareira. Os complexos usineiros não eram responsáveis apenas pela geração de trabalho, eles forneciam moradia, assistência médica, educação, lazer e tudo o que fosse necessário para a vida do trabalhador. Com essa responsabilidade, a manutenção dos mesmos também era atribuído as usinas, que muitas vezes não cumpriam com o prometido ou esperado. Manchetes como “Não Recebem há Quatro Meses Os Operários da Usina Cambaíba”(IMPRENSA POPULAR, 1953, p.2) se tornaram cada vez mais recorrentes. As greves e paralisações, as mobilizações estavam constantes já que a situação não parecia melhorar.

QUEREM OS TRABALHADORES UM SINDICATO SEM PELEGOS

Os patrões dispensam antigos operários para admitir novos com salários inferiores — Não pagam taxa adicional do trabalho noturno — “Não permitiremos que nosso sindicato continue em mão de pelegos” — declaram os operários à IMPRENSA POPULAR

Voltaram ao tra- balho após 36 hs.

EM CAMPOS
4 Usinas em greve

As condições de vida desses trabalhadores são de impressionar, a falta de infraestrutura, de atendimento médico, remédios e educação a alta exploração do trabalhador, foram incentivos as mobilizações e greves na tentativa de reaver seus direitos. No jornal Imprensa Popular em 1953 conta-se a história de um cortador de cana de uma das fazendas da Usina Cambaíba de 60 anos de idade que vivia na miséria, sem assistência médica, estava trabalhando quando teve um mal súbito e ali mesmo morreu. Não são isolados relatos como esse de trabalhadores que morriam em decorrência do trabalho pesado, seja no sol ou ao manusear maquinários.

O jornal Última Hora, em 1961 trouxe a notícia de que a energia elétrica seria finalmente instalada no bairro de Cambaíba, isso traz a reflexão de como os trabalhadores viviam em condições inadequadas e em estado de sobrevivência não vivência pois a cidade de Campos, por exemplo como muito se é dito foi a primeira cidade da América Latina a receber luz elétrica.(CHRYSOSTOMO, 2011,p.77) Os avanços infelizmente não chegavam ao trabalhador ou chegavam tardiamente.

FOME E TUBERCULOSE NAS USINAS DE CAMPOS (DO CORRESPONDENTE)

Canavieiros param e exigem direitos

Uma Bicicleta em Vez de Salário

O sr. Macliel Filho é amigo do presidente Café Filho e dono da Usina de Outei-

NEM ETELVINO, JUSCELINO OU JUAREZ

Os operários dessas usinas não querem nenhum candidato que nunca se lembrou deles. Eles querem um candidato patriota e popular. Os partidários de Juscelino tentam enganar os trabalhadores das usinas de Campos, dizendo que os comunistas estão com Juscelino para presidente da República, mas os operários têm ódio dos americanos que são inimigos jurados do povo brasileiro e que por causa deles Getúlio morreu. Eles não se deixarão enganar.

ros. Os trabalhadores daí sofrem privações de todos os tipos. O dr. Edgar, que é o gerente, adota uma teoria que diz que o operário existe graças ao patrão, quando a coisa é bem ao contrário e, por isso, não obstante ter os salários de seus operários atrasados em muitos meses, férias vencidas e extraordinários sem pagar, ofereceu, em lugar desse dinheiro, uma bicicleta.

UNIÃO PARA A LUTA

Estamos todos dispostos a formar em todas as usinas e Conselhos Sindicais porque compreendemos que só unidos venceremos. Esses Conselhos orientarão os operários das usinas de Campos em suas lutas por melhores condições de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a pesquisa conclui-se que a mobilização dos trabalhadores, sejam elas vinculadas aos sindicatos ou simplesmente mobilizações locais e sem amparo sindicalista ou governamental foram alavancadores das crises subsequentes no setor açucareiro que levaram muitas usinas a fusões ou problemas judiciais, paralisando a atuação de algumas delas. As condições de trabalho e de subsistência nos complexos usineiros foram questões levantadas a todo momento pelos trabalhadores. A década de 1960 por exemplo é conhecida nos Estados Unidos por ter tido grandes mudanças sociais, o Brasil pós República Velha também estava passando por essas mudanças, com o salário mínimo instituído por Getúlio Vargas e outros projetos e planos sociais os trabalhadores iniciaram greves e paralisações para requerir esses direitos.

Uma manchete de 1964 do jornal A Última Hora por título “Canavieiros param e

exigem direitos” fala sobre como eles lutavam pelo básico que era a remuneração correspondente ao salário mínimo e uma carga horária menor. A notícia continua falando sobre como crianças eram exploradas e trabalhavam como adultos, falta de transporte entre outros. Outras notícias notificam as superlotações nas escolas, falta de estrutura para acolher todos os estudantes, falta de alimentação adequada, enfim, uma precarização muito grande.

Mesmo em meio a esses desafios as indústrias continuaram e adentraram o século XXI tendo algumas ainda em funcionamento como a Usina de Tocos, Usina São José entre outras. A dúvida sobre como são tratados os trabalhadores atuais e como foram respondidas essas paralisações são respondidas através de mais um levantamento de dados, agora visando a década de 1970 a 2000 que foi palco de muitas mudanças no governo, entra em cena a reforma agrária, movimento sem terra e o aumento da mecanização do campo, tudo isso precisa ser estudado minuciosamente para então averiguar se a luta pelos direitos do trabalhador rural continua ou não nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

CHRYSOSTOMO, Maria Isabel de Jesus; Campos: a capital sonhada de uma província desejada(1835-1897); História (São Paulo), vol.30 nº1, p.56-89, 2011. ISSN1980-4369

FERREIRA, Pinto André; Usina São João: História, Memória e Patrimônio; UNIRIO, 2016.

NEVES, Delma Pessanha (1997). Assentamento rural : reforma agrária em migalhas. Niterói, Eduff.

PARANHOS, Paulo; O Açúcar no Norte Fluminense; 2000; São Paulo. Disponível em:

<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao08/materia02/texto02.pdf>

PINTO, Jorge Renato Pereira. O ciclo do açúcar em Campos. Campos dos Goytacazes: Edição do autor, 1995.

RODRIGUES, Igor Paulo Ribeiro Dias; Território e poder: As elites e a organização do território em Campos dos Goytacazes; Campos dos Goytacazes, 2016.

SOARES, Vieira Felipe; O campo na luta por seus direitos: uma análise sobre a relação entre os trabalhadores rurais campistas e os direitos trabalhistas no Rio de Janeiro durante o período democrático (1945-1964); São Gonçalo, 2015, Cap.2

TELES, Alvaro Marcos. “Taça Cidade de Campos teve 10 edições”. Disponível em: <http://futebolcampistanarede.blogspot.com.br/2017/04/taca-cidade-de-campos-teve-10-edicoes.html>. Acessado em: 20/04/2017.